



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço empresarial oferecido pelo Presidente do Equador**

**Quito-Ecuador, 25 de agosto de 2004**

Ministros do Equador,  
Ministros brasileiros,  
Representantes de instituições financeiras do Brasil,  
Empresários brasileiros,  
Empresários equatorianos,  
Embaixadores,

Eu não vou ler o meu discurso, porque depois do almoço, ler um discurso com tantas páginas, pode causar uma má impressão.

Eu só queria dizer, presidente Lucio, umas poucas palavras. Nós tomamos posse na Presidência da República no mesmo mês. O Equador foi o primeiro país que visitei depois de eleito como Presidente da República. E, por isso, eu me sinto à vontade para dizer algumas coisas que eu penso ser necessário que sejam ditas numa reunião com empresários, onde todos nós queremos discutir os avanços das relações econômicas, das relações científico-tecnológicas e das relações políticas entre os nossos países.

Durante muitos anos o meu Brasil, que é a maior economia do nosso continente, trabalhou muito voltado para os chamados países ricos. A nossa relação privilegiada sempre foi com a Europa e com os Estados Unidos. E era de se compreender que fosse assim, porque nós queríamos vender os nossos produtos e queríamos comprar máquinas e equipamentos de alto conteúdo tecnológico. E eles têm mais conteúdo tecnológico.

Mas isso teve um certo limite. Com a globalização do mundo, os blocos se formaram e os países chamados “em desenvolvimento” ficaram numa



situação um pouco... como se construir um bloco, se de um lado você tinha os europeus, do outro lado os Estados Unidos, do outro lado você tinha o Japão liderando o lado asiático? Na verdade, não sobrava espaço para os países, sobretudo, os da África e os da América Latina.

Não tem um único empresário no Equador, não tem um único empresário no Brasil, não tem um único político do Brasil ou do Equador que não tenha feito discursos contra os subsídios agrícolas nos Estados Unidos e na Europa.

E eu dizia ao meu Ministro das Relações Exteriores: enquanto nós estivermos reclamando dos subsídios, nada acontecerá. É preciso que haja uma ação conjunta de um grupo de países que demonstre aos países ricos que, embora queiramos continuar fazendo as melhores relações comerciais com eles, nós temos outros parceiros que pensam igual a nós e, portanto, poderemos construir uma nova força econômica no mundo, e poderemos, inclusive, criar uma nova geografia comercial no mundo. Parecia impossível dizer isso em março ou em junho do ano passado.

Mas o que aconteceu de maio do ano passado para cá? Vamos ver o que aconteceu: primeiro, nós recuperamos o Mercosul. O Mercosul estava numa situação muito frágil, porque estava frágil a economia brasileira e estava frágil a economia argentina. Por que estava frágil? Porque o peso nunca valeu um dólar, e porque o real nunca valeu um dólar. E os países do Mercosul passaram a ter, sobretudo, Argentina e Brasil, déficit comercial, ano após ano, durante quase 8 anos. E nenhuma economia sobrevive por tanto tempo de déficit comercial.

Nós começamos estabelecendo, primeiro, uma relação de confiança entre o Brasil e a Argentina, porque partimos do pressuposto de que se o Brasil e a Argentina estivessem bem, era possível a gente reafirmar, reatingir, reanimar o Uruguai e o Paraguai, e era possível começarmos a trabalhar com outros países da América do Sul, tentando fazer com que todos os países



ficassem sócios do Mercosul, onde poderíamos criar um bloco que representaria 350 milhões de habitantes e que representaria mais de 1 trilhão de dólares e que, portanto, poderia dar força para que nós pudéssemos fazer melhores acordos com o chamado “bloco rico”.

Nós começamos a perceber que tinha uma deficiência na relação entre os países da América do Sul. O Brasil faz fronteira com todos os países, menos com o Equador e com o Chile. Entretanto, nós sempre tivemos uma relação privilegiada com a Europa e com os Estados Unidos. E muito pouco com a América do Sul. E percebemos que o discurso que todos os políticos fazem da integração sul-americana, era falso, na medida em que não é possível ter integração se não tiver a carretera, se não tiver ferrovias, se não tiver portos e aeroportos, se não tiver hidrovias, ou seja, se não tiver como fazer transitar os seres humanos e os produtos que os seres humanos produzem, o comércio não é completo. Se o empresário do Equador tem que passar em Miami para fazer negócios com o Brasil, ele já faz em Miami. Se o do Brasil tiver que ir a Miami para poder vir a Quito, ele já faz em Miami.

Então, começamos a discutir a necessidade de começar a ver quais os problemas de infra-estrutura que poderiam unificar dois ou mais países, para que pudéssemos, então, não apenas fazer transitar os produtos e as pessoas, mas dar uma certa respeitabilidade geográfica ao nosso continente, para que nós parássemos de ser vistos como eternos países pobres ou em vias de desenvolvimento.

Eu penso que, se nós tivermos um pouco de ousadia, o século XXI poderá ser o século da América Latina e da América do Sul. Agora, se nós não tivermos ousadia e ficarmos cometendo as mesmas coisas que fizemos no século XX ou no século XIX, nós vamos chegar ao século XXII ainda tendo uma economia em vias de desenvolvimento. Por quê? Porque falta um pouco de auto-estima nos nossos governantes e nos nossos empresários. E quando eu digo governantes, eu me coloco na frente, para não dizer que eu não estou



falando mal de outro. Nós precisamos, primeiro, acreditar no potencial que nós temos. Segundo, nós temos que descobrir qual a similaridade que existe entre o Brasil e o Equador, o Brasil e o Peru; o Peru e o Equador; o Equador e o Uruguai. O que existe de similaridade e qual o potencial que nós temos para explorar nas relações dentre dois ou mais países.

E digo isso porque tenho defendido publicamente, e o Ministro das Relações Exteriores e o presidente Gutierrez são testemunhas, de que, para mim, relação comercial é uma via de duas mãos, é uma carreteira de duas mãos. O país tem que comprar, mas tem que vender. E aqui não interessa que o Brasil tenha saldo comercial muito grande com países menores que ele. A nós interessa criar as condições para que a gente venda o necessário para aquele país, mas, sobretudo, que ele possa vender os seus produtos. A nós interessa que empresas brasileiras se implantem nos países menores e que produzam, aqui, ou que trabalhem, aqui, como parceiras, com empresas do Equador, do Uruguai, do Paraguai. Nós não queremos ter relação hegemônica, nós não queremos ser vistos como imperialistas, nós queremos ser vistos como parceiros para desenvolver um continente que já foi rico, que já teve muito ouro, que já teve muita prata, mas nos levaram tudo e continuamos pobres, mais pobres do que éramos quando conquistamos a nossa independência.

E isso está no comportamento de cada um de nós. Quando nós começamos a discutir isso, disseram para nós assim: “o Brasil vai brigar com os Estados Unidos?” Não. Não quero brigar com os Estados Unidos, porque os Estados Unidos mantêm uma relação histórica com o Brasil. E porque é, individualmente, o maior parceiro brasileiro. Mas eu quero que os americanos saibam que eu quero, para mim, o que eles querem para eles. Eu desejo, para a empresa brasileira, o que eles desejam para a empresa deles. O que o Equador deseja para as empresas do Equador ou para a agricultura do Equador, é aquilo que os americanos desejam para eles. Sabem por quê?



Porque nenhum interlocutor, nem da relação mais íntima de vocês, respeita um outro interlocutor que não se respeita. Na relação empresarial, na relação política, ninguém respeita quem não tem respeito. Se na mesa de negociação, nós formos negociar de cabeça baixa, já perdemos. Nós temos que ter altivez e acreditar na nossa capacidade de fazer as coisas.

Eu vou dar três exemplos para vocês: nós estamos com um processo na OMC contra os subsídios do algodão americano. Gastamos quase 6 milhões de reais com advogados. Diziam para nós que era loucura. Conclusão: nós ganhamos. E isso não vai beneficiar o Brasil, vai beneficiar, sobretudo, países pequenos da África que têm no algodão a base da sua economia. Entramos na Europa, entramos na OMC contra o subsídio do açúcar da União Européia. Diziam que era impossível ganhar. E depois, quando criamos, em Cancun, ano passado, o Grupo dos 20, a imprensa brasileira dizia que nós estávamos afrontando os americanos. E nós dizíamos que não. Nós queremos apenas dizer para os americanos e para os europeus que nós não concordamos com os subsídios agrícolas que eles impõem para os meus agricultores, para exportar os seus produtos; que nós queríamos o fim do subsídio.

Criamos o Grupo dos 20. A imprensa brasileira vendeu a idéia como se fosse uma derrota, porque iria ser um desastre. Mas, de repente, em Genebra, aconteceu o que ninguém imaginava que fosse acontecer: tanto europeus quanto americanos estão dispostos a rediscutir os subsídios agrícolas para os seus produtos.

Isso significa, num médio prazo, 220 bilhões de dólares em política comercial para os países em desenvolvimento. E por que eu estou dizendo isso para vocês? Porque eu penso que a América do Sul, os nossos empresários, não têm que ter medo de serem empresários multinacionais, não têm que ter medo de crescer, não têm que ter medo de fazer parcerias, não têm que ter medo de produzir. Eu até tomei uma cerveja que a Ambev está produzindo aqui, agora, e espero que caia no gosto do povo do Equador. Mas também tem



outras empresas de cerveja aqui, que certamente já estão no gosto dos equatorianos há mais tempo. Vocês vão ter que ser muito competitivos. Nós temos aqui a Camargo Correa, nós temos aqui a Odebrecht, nós temos aqui outras empresas brasileiras. Daqui a alguns anos estarão mostrando que é possível contribuir para fazer coisas que dêem ao Equador maior capacidade de desenvolvimento com a infra-estrutura de que este país necessita.

E o Brasil pode contribuir. Está aqui o BNDES, está aqui a Petrobrás, ou seja, o BNDES já veio aqui, em toda a carretera Quito-Guaiaquil. A Petrobrás somente faz a parceria mais profunda com a Petroequador. O que nós precisamos, é saber de uma coisa: que nós não queremos brigar com os europeus, nem com os americanos, nem com os chineses, nem com os índios, nós queremos estabelecer uma política comercial mais justa no mundo. Até quando nós vamos nos contentar em ser a parte pobre do mundo? Até quando nós vamos permitir que pelo fato de o Equador não ter fronteira com o Brasil, que seja diminuído o potencial de relação comercial entre o Equador e o Brasil? Quando não há fronteira geográfica, nós precisamos nos irmanar pela nossa vontade política, pelo nosso coração e por acreditar que este continente pode dar um salto de qualidade como deu a China; pode dar um salto de qualidade como deu a União Européia há 50 anos.

O que nós precisamos é acreditar em nós. E, da nossa parte, nós não mediremos sacrifício para tentar criar uma consciência de um bloco. Veja que eu falei pouco “latino-américa”, eu falava mais da América do Sul, porque eu queria falar mais de quem estava mais próximo.

Mas um acordo entre Mercosul e Comunidade Andina é um passo importante para o acordo que nós queremos fazer, até o final do ano, com a União Européia. Se fizermos um acordo com a União Européia, nós teremos dado um passo muito importante para que a gente consiga avançar no comércio internacional. Mas vai depender muito de nós.



E eu tenho dito aos empresários brasileiros, muitas vezes até meio grosseiro, de que eles precisam crescer, e crescer significa ter coragem de investir em outros países. Porque o BNDES está aí para financiar, muitas vezes, o investimento. Mas também não é só para investir e ganhar dinheiro, é fazer parcerias com indústrias menores dos países, para que eles também possam criar as suas indústrias e gerar empregos para a sua gente, no seu país.

É com essa vocação, meu querido presidente Gutiérrez, que eu vim ao Equador. E é com essa vocação que eu saio do Equador, dizendo para vocês: nós precisamos enfrentar os desafios. É possível fazer um encontro de empresários brasileiros e empresários equatorianos, no Brasil. É possível os empresários do Equador irem na Feira da Suframa, no dia 15 de setembro, em Manaus. É possível vocês fazerem uma feira aqui e trazerem os empresários brasileiros. Nós poderemos ajudar em muitas coisas. Estamos dispostos a ajudar. Os meus ministros estarão à disposição para contribuir. Nós temos tecnologia e nós precisamos saber onde é que nós poderemos nos ajudar, para que a gente cresça junto, se desenvolva junto e gere a riqueza de que os nossos países precisam.

Porque senão, sabe o que eu fico pensando, presidente Lucio? Nós temos um mandato de quatro anos. Aqui eu não sei se é quatro. No Brasil é de quatro anos. Se nós não fizermos uma política combinada, que permita... primeiro, uma política de ajuste fiscal dura, porque nenhum de nós pode gastar mais do que arrecada. Mas, ao mesmo tempo, nós temos que combinar essa política fiscal dura com a política de estabilização correta, com o controle da inflação. Mas o resultado de tudo isso tem que ser a política social.

Porque, se terminar o seu mandato e o meu mandato e a gente perceber que estava como quando nós entramos, para que valeu a pena ser presidente do Brasil e do Equador?



Então, esse desafio não é um desafio meu, é um desafio nosso, dos empresários. Esses dias eu fui para a televisão elogiar um empresário brasileiro chamado Abílio Diniz, dono de uma grande cadeia de supermercados. Por quê? Porque nós reduzimos os impostos para três produtos básicos: feijão, arroz e farinha de mandioca. E ele, imediatamente, foi para a televisão, chamou todos os fornecedores dele e pediu que os fornecedores dele reduzissem o preço para o consumidor. Empresários assim não só contribuem para ganhar dinheiro e desenvolver o país, mas contribuem para que o governo possa, num mandato de quatro anos, fazer um mínimo de justiça social.

Eu vou dizer para vocês uma experiência de vida que eu tenho. Muitas vezes os países não vão para a frente porque os governantes só pensam no seu mandato. O desenvolvimento do Equador passa pelo fato de você pensar no Equador daqui a 20 anos, no que vocês desejam que o Equador seja daqui a 20 anos. E isso vale para o Brasil.

Nós temos que pensar no Brasil para 20 ou 30 anos e começar a colocar cada tijolo agora, senão não dá certo. Senão, vai entrar presidente e sair presidente, cada um faz uma promessa melhor do que a outra, e você vai vendo, no frigar dos ovos, que se passam 10, 15, 20, 30 anos e as coisas continuam do mesmo tamanho: quem era pobre continua pobre, quem era rico continua rico. Alguns quebram, mas ainda continuam.

Então, nós precisamos mudar, por quê? Porque quando a América do Sul tiver desenvolvimento com justiça social, nós não vamos ter mendigos andando nas ruas de Quito ou nas ruas de São Paulo; nós vamos ter consumidores de primeira classe podendo comprar a roupa que nós fazemos, os sapatos que produzimos, a casa que fabricamos, o carro que fabricamos. Aí, sim, essas pessoas conquistaram a sua cidadania.

É por isso que eu queria dizer a vocês, empresários do Equador e aos meus amigos empresários do Brasil: o tempo não dá muita chance às mesmas





pessoas, se a gente não souber aproveitar.

O Brasil, vocês sabem, já teve muitas chances. O Brasil já teve momentos excepcionais na sua economia, de repente, o Brasil retrocedia. Eu digo sempre: a mim não será dada uma segunda chance. Porque qualquer presidente da República do meu país, ao deixar o cargo, ele vai para uma universidade ou vai morar no exterior e não tem problema. Eu não. Eu vou ter que voltar para minha casa, a 600 metros da Volkswagen, a 300 metros do Sindicato onde eu fui presidente. E o maior legado que eu quero deixar para o meu povo não é um viaduto, não é uma ponte, é a conquista do direito de andar de cabeça erguida na frente deles depois do mandato e dizer: “Não fiz tudo, mas fiz aquilo que era preciso fazer”.

Por isso, meus queridos companheiros, eu quero que vocês saibam que vocês têm um amigo no Brasil. Um amigo que sabe das dificuldades, mas um amigo que acredita que a América Latina tem uma chance, uma chance ímpar. Nós temos riquezas que não foram exploradas ainda por nós, nós temos que aproveitar as similaridades entre nós. Nós temos muita coisa, mas muita coisa para trocar de informações, para trocar de experiência na área de saúde, na área de educação, na área do transporte, na área da administração pública, nas universidades e muitas coisas. Entretanto, muitas vezes, nós preferimos ficar lamentando o que não temos do que valorizar aquilo que temos.

Com essas palavras eu quero dizer, meu caro presidente Gutiérrez, que foi uma alegria enorme poder estar em Quito outra vez. Foi uma alegria enorme, eu não conhecia a beleza de Quito. Eu não consigo entender como é que uma cidade como Palude, a parte histórica dessa cidade, não tem milhares de turistas toda semana, aqui. O Celso Amorim me dizia: “Já vim, aqui, várias vezes, e não sabia que Quito era tão bonita”. Essa é uma coisa que vale para o Brasil, vale para a Argentina, vale para o Uruguai, para o Paraguai. Nós, muitas vezes, não falamos as coisas que nós temos de bom. Muitas vezes se fala lá fora que o Brasil é o país do carnaval, o país do futebol ou o país de crianças



de rua. É verdade, nós temos carnaval, nós temos criança de rua, mas nós temos empresas competitivas como qualquer país do mundo; nós temos mão-de-obra qualificada como qualquer país do mundo; nós temos tecnologia para competir em muitas coisas.

É verdade que nós importamos da China conhecimento para lançar satélite, mas é verdade que nós exportamos para eles tecnologia para produzir avião. Então, nós precisamos, primeiro, acreditar em nós. Quando nós acreditarmos em nós, certamente daremos um passo excepcional no crescimento do Equador, do Brasil e de tantos países.

Com essas palavras, eu quero fazer um brinde ao meu querido amigo presidente Lucio Gutiérrez, e ao povo do Equador, aos empresários do Equador.

Viva o Equador!